



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15722 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

## DESAFIOS E RESISTÊNCIAS: A PERMANÊNCIA DAS MULHERES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Isaura Francisco de Oliveira - UNIVERSIDADE DO SUDOESTE DA BAHIA

Nilma Margarida de Castro Crusoé - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

### 1 INTRODUÇÃO

A permanência de mulheres na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um fenômeno complexo e multifacetado, que reflete tanto os desafios quanto as resistências enfrentadas na busca por melhores condições de vida. O conceito de permanência, neste estudo, é entendido como “sinônimo de resistência, de superação” (Oliveira, 2018, p. 45). Esse fenômeno está presente nas narrativas das seis mulheres que participaram da pesquisa quando falam das dificuldades que motivaram a desistência em outros momentos da vida, bem como os desafios para permanecer na escola, cotidianamente.

Um dos motivos que impulsionou a escolha do tema e a realização deste estudo foi a trajetória de vida das pesquisadoras, o papel fundamental que a EJA tem na vida profissional de cada uma e a necessidade de avançar nos estudos.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os dados mais recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) mostram que as mulheres têm avançado significativamente em termos de escolarização. Em 2023, a taxa de escolarização das mulheres de 25 anos ou mais que concluíram pelo menos o ensino médio era de 67,4%, enquanto a dos homens era de 61,7% (IBGE, 2023) e a EJA tem sido o caminho para a continuidade dos estudos.

A problemática central deste trabalho reside na identificação e análise dos principais obstáculos que estas mulheres enfrentam para permanecerem na EJA e as estratégias de resistência que empregam para superar tais desafios.

O tema abordado é delimitado ao contexto da EJA, focando especificamente em mulheres

adultas que retornaram à escola após um período significativo de afastamento. Os objetivos específicos deste estudo são: identificar os principais desafios enfrentados por essas mulheres; analisar as formas de resistência e resiliência que elas desenvolvem; e compreender como esses fatores influenciam sua permanência e desempenho na EJA.

A metodologia adotada consiste na realização de entrevistas narrativas Jovchelovich e Bauer (2002), que possibilitaram uma visão detalhada das trajetórias educacionais e dos contextos de vida das entrevistadas, revelando as nuances e complexidades de suas experiências.

O texto está organizado por essa introdução, na sequência a revisão da literatura sobre a EJA e a participação de mulheres adultas neste contexto. Em seguida, a metodologia utilizada na pesquisa. Posteriormente, apresenta-se os resultados obtidos a partir das entrevistas narrativas e, por fim, as conclusões do estudo.

Os resultados indicam que as mulheres enfrentam desafios significativos, incluindo responsabilidades familiares, exigências de trabalho e preconceitos de gênero. No entanto, elas também demonstram uma forte determinação e utilizam diversas estratégias para continuar seus estudos, destacando-se como agentes ativos em suas trajetórias educacionais.

## **2 A PERMANÊNCIA DE MULHERES ADULTAS NA ESCOLA**

A presença das mulheres na EJA revela a complexidade da condição da mulher na sociedade atual. Inúmeros são os desafios que motivaram e/ou levaram tais mulheres a terem que abandonar a escola no tempo dito como “adequado”, dentre eles o machismo estrutural; a maternidade precoce e a necessidade de trabalhar para sobreviver (Oliveira, 2018). Além desses fatores, acrescenta-se a violência doméstica, a falta de políticas públicas para que suportem a continuidade dos estudos e, a divisão desigual das tarefas domésticas.

Estudos de Chagas e Soares (2018, p. 43) apontam que “o contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil tem sido marcado por um ambiente de instabilidades de propostas e por compreensões contraditórias a respeito dos anseios, das necessidades e das perspectivas dos sujeitos [...]”. A pesar dessa instabilidade a EJA é a única oportunidade para muitas mulheres retomarem seus estudos e buscarem melhores condições de vida.

A pesquisa de Freitas (2018) indica que muitas mulheres que retomam à EJA o fazem em busca de independência financeira e pessoal. A autora aponta que a educação tem o potencial de transformar vidas, mas ressalta que é fundamental que as escolas sejam espaços acolhedores e que os professores estejam preparados para lidar com a diversidade de experiências e desafios enfrentados pelas mulheres na EJA.

Santos e Crusué (2021, p. 2) apontam para a importância de “[...] compreender o papel do professor no processo de escolarização dos educandos e sua posição de sujeito vinculado a uma ideologia e/ou contra ideologia atrelada à realidade sócio histórica”. A autoras reconhecem que os professores na EJA não apenas transmitem conhecimento, mas também desempenham um

papel crucial na formação e na conscientização dos educandos adultos, influenciados pela dinâmica social e histórica em que estão inseridos.

Estudos realizados por Oliveira (2018) apontam que a EJA precisa responder à necessidade de realização dos sonhos idealizados nos projetos de vida para tanto precisa estar fundamentada em princípios ético-políticos de valorização da pessoa humana e de suas experiências de vida. “A aprendizagem e a importância do estudo precisam estar associadas ao prazer de aprender. Não basta permanecer na escola, é preciso que essa permanência represente possibilidades de aprender e aprender muito” (Oliveira, 2018, p.120).

Ao estudar a permanência de mulheres na EJA é essencial considerar, ainda, a intersecção de gênero, raça e classe. Segundo Bell Hooks (1995), a opressão de gênero não pode ser analisada de forma isolada, pois está interligada a outras formas de opressão.

Segundo Arroyo (2013), as mulheres frequentemente enfrentam uma dupla jornada de trabalho, equilibrando responsabilidades domésticas e profissionais, o que pode dificultar sua participação contínua na educação. Além disso, os preconceitos de gênero e a falta de políticas públicas adequadas criam obstáculos adicionais para sua permanência.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa foi conduzida com base na abordagem qualitativa (Minayo, 1994), buscando a identificação e análise dos principais obstáculos que as interlocutoras enfrentam para permanecerem na EJA e as estratégias de resistência que empregam para superar tais desafios.

O método adotado para esta pesquisa foi o materialismo histórico-dialético (Netto, 2006), que proporciona uma análise crítica das condições sociais e históricas que influenciam a vida de mulheres adultas.

O lócus empírico desse estudo é a Escola Municipalizada Arnaldo Cardoso, no município de Riacho de Santana -BA.

As colaboradoras da pesquisa foram seis mulheres, com nomes fictícios, para preservar a identidade de cada uma, conforme apresentadas no quadro 1 a seguir:

Figura 1 – Colaboradoras da pesquisa

Colaboradoras	Idade	Filhos	Estado civil	Cor
Conceição	29	03	Solteira	Preta
Marques	46	03	Viúva	Branca
Rocha	20	01	U. Estável	Parda
Prates	35	04	Casada	Parda
Silva	36	04	Solteira	Parda
Moreira	39	01	Solteira	Parda

Fonte: Pesquisadoras (2024)

As entrevistas foram realizadas com cada uma, individualmente, no mês de maio de 2024. A análise dos dados foi inspirada em Jovchelovich e Bauer (2002) em que entrevistas narrativas foram analisadas em três etapas: “transcrição”, a “análise temática” e a “análise estruturalista. Na fase da transcrição, foi necessário ouvir atentamente as gravações para garantir precisão; na sequência foi realizada a transcrição literal de modo a registrar fielmente as narrativas das seis mulheres, incluindo pausas, ênfases, e possíveis expressões não verbais quando relevantes para a interpretação; após esse momento foi feita a análise temática, considerando a revisão e correção de modo a conferir o texto transcrito, corrigindo possíveis erros, porém manteve-se a completa fidelidade ao conteúdo original das entrevistas.

O terceiro momento foi a análise estruturalista que nos permitiu explorar as relações e estruturas subjacentes nas narrativas observando a organização sequencial dos eventos e como interlocutoras construíram suas histórias. Ao analisar a relações entre os temas foi possível compreender como os diferentes temas e categorias se inter-relacionam dentro histórias narradas o que possibilitou interpretar as estruturas narrativas e entender os significados implícitos e as dinâmicas subjacentes às experiências das entrevistadas.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA**

A pesquisa buscou analisar as experiências de seis mulheres adultas, com idades entre 20 e 46 anos, todas mães e que retomaram aos estudos na EJA e concluíram o ensino fundamental em 2023 em uma escola pública municipal. O foco foi compreender os desafios e as resistências enfrentadas por essas mulheres em suas trajetórias educacionais. Para isso, investigamos as seguintes questões: ser estudante na idade adulta conciliando as responsabilidades diárias como casa, filhos e trabalho; fatores que levaram à desistência dos estudos durante a adolescência; motivações para retorno aos estudos e as principais dificuldades enfrentadas; a relação entre a escola e a conclusão do ensino fundamental e as expectativas futuras.

A partir das entrevistas narrativas, buscamos dar voz às participantes, permitindo que suas histórias revelassem as complexidades de ser estudante na idade adulta. Dentre os motivos que levaram a desistir de estudar na adolescência, cinco delas tem em comum a maternidade e apenas Rocha (entrevista narrativa, 2024) aponta a “dificuldade de acesso por a escola ser longe e tem que trabalhar junto com meus pais e irmãos”

Em relação a ser estudante na vida adulta e a relação do estudo com suas atribuições diárias: casa, filhos, trabalho todas relataram que enfrentam inúmeras dificuldades:

É muito difícil estudar depois que temos filhos [...], porém aprender é bom, ao mesmo tempo que frequentar a escola é complicado por causa dos filhos e o serviço(trabalho) durante o dia, estudar traz um sentimento de realização (Conceição, entrevista narrativa, 2024);

O estudo em si é bom demais, porém é muito cansativo trabalhar, cuidar de casa e estudar. Mas, eu estou conseguindo e não vou parar. Quero realizar meu sonho (Marques, entrevista narrativa, 2024);

Estudar à noite é muito cansativo, exige muita força de vontade, porque tem dias que não é fácil. Mas é válido o esforço (Prates, entrevista narrativa, 2024);

[...] é um privilégio voltar a estudar. Sinto-me privilegiada. Eu não consegui concluir quando mais jovem, mas voltei para terminar. O ensino fundamental eu já concluí. Agora estou no primeiro ano do ensino médio. Vou vencer e conseguir meus objetivos (Silva, entrevista narrativa, 2024);

As seis colaboradoras da pesquisa concluíram na mesma turma o ensino fundamental no ano de 2023 e, em 2024 cursam o ensino médio em uma escola estadual. A EJA não só representa uma segunda chance de escolarização para essas mulheres, mas também um espaço de resistência e empoderamento. No ambiente escolar, elas podem reconstruir suas identidades, fortalecer sua autoestima e desenvolver habilidades que lhes permitam lutar contra as desigualdades de gênero (Louro, 1997).

Em relação ao que motivou a volta aos estudos na EJA, todas têm em comum o desejo por uma vida melhor e uma profissão, além do desejo de que, no futuro, os filhos sintam orgulho delas. No entanto, enfrentam muitas dificuldades para frequentar as aulas.

[...] Dificuldade?! A maternidade. E sobre com quem deixar as crianças. Preciso estudar, mas eles são pequenos. Tenho dificuldade em deixá-los. No ensino Fundamental eu levava os três. O município oferecia uma cuidadora. No ensino médio não tem isso (Conceição, entrevista narrativa, 2024).

[...] O trabalho e chegar cansada e ter que ir pra escola. Tem dia que a cabeça pede, mas o corpo não aguenta. (Marques, entrevista narrativa, 2024).

Nenhuma, as vezes a gente está cansada, desanimada mais é seguir em frente e não desistir (Rocha, entrevista narrativa, 2024).

Ter que deixar o filho pequeno, o cansaço de um dia corrido (Prates, entrevista narrativa, 2024).

Oliveira (2018) argumenta que os adultos que retomam à escola na idade adulta estão em busca de transformação, entendendo ser necessário para relacionar-se com o mundo e com outras pessoas. Eles acreditam que podem transformar-se através do conhecimento adquirido e reconstruído no ambiente escolar. Durante as entrevistas narrativas, essa transformação está sempre presente. Em relação às estratégias de resistência, incluem-se a crença no futuro, a resiliência e a certeza de que os estudos farão diferença em suas vidas e nas de seus filhos, conforme evidenciado nas narrativas a seguir:

[...] a escola pode me proporcionar muitas coisas [...]. Além do aprendizado, espero um futuro melhor, para mim e para meus filhos (Conceição, entrevista narrativa, 2024)

[...] Um futuro. Quero formar e tenho o desejo de ser enfermeira (Rocha, entrevista narrativa, 2024).

[...] voltar estudar é um sonho realizado. Nunca pensei que conseguiria. A escola sempre respeitou nossa realidade (sem passar a mão na cabeça), por isso dei conta. Quando estava difícil, o professor ensinava novamente e outra vez, tantas vezes quanto necessário. Agora espero terminar e fazer uns cursos ou quem

sabe uma faculdade (Prates, entrevista narrativa, 2004)

Já terminei o ensino fundamental. Entrei e sai um monte de vez. Sempre desistia. Dessa vez a escola contribuiu para que eu terminasse. Era faltar e a coordenadora ligava. Faltava caderno e a escola providenciava. [...] Agora estou firme no ensino médio. Vou fazer uma faculdade e ser uma pessoa concluída em todos os meus cursos (Silva, entrevista narrativa, 2024)

Um dos fatores que leva as mulheres a não permanecerem na escola, conforme Bourdieu (1998), Lahire (1997) e Arroyo (2013), é que muitas vezes a escola reforça as diferenças entre os saberes construídos na escola e os saberes construídos no cotidiano. Segundo Chagas e Soares (2018, p. 9), para que a aprendizagem aconteça, "é preciso pôr em prática os pressupostos freirianos [...], onde se deve levar em conta a realidade do educando, atentando para suas experiências, suas opiniões e sua história de vida".

Conforme a narrativa de Silva (2024), a escola precisa olhar para a aluna mulher, respeitando seus limites e considerando suas possibilidades. Estas mulheres sonham em realizar seus projetos de vida. Se a permanência na escola é uma necessidade para a realização de seus projetos de vida, é preciso considerar que as atitudes em relação à escola, à cultura escolar e ao futuro oferecido pelos estudos são, em grande parte, expressões do sistema de valores, sejam implícitos, sejam explícitos, que os indivíduos atribuem à posição social que desejam alcançar (Nogueira; Catani, 2007).

Moreira retornou à escola após 20 anos sem estudar. Ela reconhece a importância do estudo para a realização de seus sonhos e, para tanto, luta cotidianamente para manter-se estudando.

Depois de quase uma vida, voltar a estudar para mim, foi um sonho[...]. Já abriu muitas portas. Agora quero continuar. Fazer uma faculdade. Encontrar um trabalho que abra uma porta a mais para que eu possa manter, ainda mais, a minha independência. Eu sei que só estudando vou chegar lá (Moreira, entrevista narrativa, 2024).

Menezes (2023) argumenta que as mulheres na Educação de Jovens e Adultos (EJA) representam um esforço significativo contra as desigualdades sociais e buscam mitigar as diferenças. No entanto, ela reconhece que a educação não é o único meio para enfrentar os problemas sociais decorrentes das distinções raciais e de gênero. Segundo a autora, "a luta visa provocar mudanças nas relações e nos espaços de poder, assim como nas disputas por eles" (Menezes, 2023, p. 164).

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O tema abordado é delimitado ao contexto da EJA, focando especificamente em mulheres adultas que retornaram à escola após um período significativo de afastamento. A pesquisa nos permitiu identificar diversos desafios enfrentados por essas mulheres, como a dupla jornada de trabalho, as responsabilidades domésticas, a maternidade e a falta de políticas públicas

adequadas, que criam obstáculos para sua permanência.

Contudo, o desejo de vencer na vida se mostrou a maior forma de resistência apresentada pelas interlocutoras. Com resiliência, elas equilibram as muitas atividades cotidianas e frequentam a escola no período noturno, muitas vezes levando os filhos para não deixar de estudar. Se na adolescência a maternidade foi um impedimento para estudar, agora, na idade adulta, essa mesma maternidade fortalece a permanência e o desempenho na EJA, pois desejam uma vida melhor para si e para seus filhos.

O estudo destaca a necessidade de políticas educacionais inclusivas que abordem questões como a oferta de creches no período noturno ou a disponibilização de cuidadoras para as crianças, filhas das mães da EJA. Outro ponto a ser considerado é a flexibilização de horários e a criação de ambientes educativos que acolham e valorizem as contribuições das mulheres. Além disso, é essencial promover a conscientização sobre as desigualdades de gênero e incentivar práticas pedagógicas que empoderem as mulheres.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria Helena; LOPES, Luciana Maria. **A educação de jovens e adultos e a luta pela igualdade de gênero**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 20, n. 61, p. 325-348, 2015.
- ARROYO, Miguel Gonzales. **Ofício de Mestre: Imagens e Autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- FREITAS, Juliana da Silva. **Mulheres na EJA: desafios e possibilidades**. São Paulo: Cortez, 2018.
- HOOKE, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1995.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)**, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. **Acesso em 23 de julho, 2024**
- JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: Bauer M. W., Gaskell G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som : um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.
- LAHIRE, Bernard. O Trabalho Sociológico das Categorias Nativas. In: LAHIRE, Bernard. **Homens Ordinários: Experiência e Condição de Operário e Empregado**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 47-84.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 46. p. 201-218. dez. 2007.
- MENEZES, Mônica Clementino de. **Mulheres negras nas salas de alfabetização de jovens e adultos no município de Porto Seguro- Bahia: diálogos entre as motivações, a interseccionalidade e as políticas públicas de EJA**. 2022. 256f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, Vitória da Conquista, 2022.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis. RJ: Vozes, 1994.
- NETTO, José Paulo. **O que é materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (Orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis:

Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Isaura Francisco de. **A permanência de mulheres na educação de jovens e adultos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação de Jovens e Adultos) – Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2018.

CHAGAS, Ruthnelle de Oliveira.; SOARES, Cecília Conceição Moreira. A educação de jovens e adultos - EJA no contexto da educação básica: a relação entre pedagogia e história. **Cenas Educacionais**, V.1, n.2,p 42–56, 2018. <https://www.revistas.uneb.br>.ISSN: 2595-4881

SANTOS, Jaciara de Oliveira Sant´Anna; CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. Formação do educador de EJA nos discursos das diretrizes curriculares nacionais da EJA e BNCC. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos** – ISSN 2675-3855 – v. 02, n.10, 2021